

O PARALELO DO FUTEBOL COM A RELIGIÃO: O CASO DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Célia Gouveia

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa/Portugal

celiamargou@gmail.com

Envio original: 18-02-2019. Aceitar: 12-05-2019. Publicado: 03-07-2019.

Resumo

Futebol e religião são dois termos que transportam uma enorme atualidade, abrangem uma diversidade de regras, rituais e convenções, mesmo se povoados por múltiplas contradições. O artigo procura explorar dimensões sociais da díade futebol-religião à luz de considerações já feitas anteriormente por diferentes autores. Tendo como objetivo aprofundar em que medida o sentido de afiliação aos clubes de futebol e as vivências dos jogos dos campeonatos, possuem características de religiosidade para os adeptos da modalidade. A metodologia adotada assenta no inquérito por questionário, cuja construção decorreu da problematização teórica, tendo em vista medir os vários atributos associados às dimensões da crença, ritual e uso de objetos totémicos. Foi aplicado a uma amostra não probabilística de conveniência composta por 488 sujeitos. Através da análise e interpretação dos dados, aferimos a existência de atributos associados às três dimensões em análise. Argumenta-se, a partir das conclusões obtidas, que o futebol pode ser entendido como uma prática cultural com atributos comparáveis à religião.

Palavras-chave: Futebol, Religião, Ritual, Totem, Crença, Cultura.

The parallel between football and religion: the case of the portuguese football

Abstract

Football and religion are both terms that carry among them an enormous reality, embrace a diversity of rules, rituals and conventions, even though they are populated by multiple contradictions. In this sense, the article explores both football and religion social dimensions, according to reflections already made by different authors. Aiming to understand the meaning of membership in football clubs and the experiences of the championship games, there are religious characteristics for the fans of the sport. The methodology adopted is based on the questionnaire survey, whose construction was based on the theoretical problematization, in order to measure the various attributes associated with the dimensions of belief, ritual and use of totemic objects. It was applied to a non-probabilistic convenience sample composed by 488 individuals. Through the analysis and interpretation of the main data, we verified the existence of attributes associated to the three dimensions under analysis. It is argued based on the conclusions obtained that football can be understood as a practical cultural with attributes comparable to religion.

Keywords: Football, Religion, Ritual, Totem, Belief, Culture

El paralelo entre el fútbol y la religión: el caso del fútbol portugués

Resumen

El fútbol y la religión son dos términos que transportan una enorme actualidad, abarcan una diversidad de reglas, rituales y convenciones, incluso si están poblados por múltiples contradicciones. El artículo busca explorar dimensiones sociales de la díada fútbol-religión a la luz de consideraciones ya hechas anteriormente por diferentes autores. Con el objetivo de profundizar en qué medida el sentido de

afiliación a los clubes de fútbol y las vivencias de los partidos de los campeonatos, tienen características de religiosidad para los adeptos de la modalidad. La metodología adoptada se basa en la encuesta por cuestionario, cuya construcción se derivó de la problematización teórica, con el fin de medir los diversos atributos asociados a las dimensiones de la creencia, del ritual y del uso de objetos totémicos. Se aplicó a una muestra no probabilística de conveniencia compuesta por 488 personas. A través del análisis e interpretación de los datos, hemos conferido la existencia de atributos asociados a las tres dimensiones en análisis. Se argumenta, a partir de las conclusiones obtenidas, que el fútbol puede ser entendido como una práctica cultural con atributos comparables a la religión.

Palabras clave: Fútbol, Religión, Ritual, Totem, Creencia, Cultura

Introdução

Durante a época de futebol, milhares de adeptos viajam pelo país para seguir a sua equipa, enquanto milhões assistem a jogos ao vivo e destaques na televisão e, cada vez mais, online. Percebemos, portanto, que o futebol é muito importante para os seus seguidores, tornando-se evidente que há mais por trás de um jogo de futebol do que apenas uma competição desportiva (Gómez-Bantel, 2016).

Este artigo não é sobre religião, mas visa explorar a natureza religiosa intrínseca ao desporto a partir de considerações já feitas anteriormente por diferentes autores. Deste modo, esta investigação, ainda que de carácter exploratório, pretende aprofundar em que medida o sentido de afiliação aos clubes de futebol e as vivências dos jogos dos campeonatos transportam características de alguma forma de religiosidade para os adeptos da modalidade.

A abordagem da relação desporto-religião não é nova, Mathisen (2006) por exemplo, defende que o desporto e a religião são poderosos meios de socialização, dotados de forte estímulo de integração social, capazes de induzir altos níveis de identidade e entusiasmo. Com efeito, Hoffman (1992: vii) autor de *Sport and Religion*, estabelece uma aproximação entre a religião e o futebol, defendendo que “nos locais onde o desporto é jogado a um nível competitivo mais elevado, encontramos invariavelmente vestígios de religião (...) da mesma forma, que na igreja formal, o desporto se encontra dissimulado nas sombras”.

Segundo Morris (1985), parte do apelo ao futebol é revelado pela relação análoga com a religião, muitas pessoas – umas a brincar, outras a sério – têm comparado o futebol a uma ordem religiosa. À semelhança de uma assembleia religiosa, um jogo de futebol associa os fãs devotos na crença comum e no compromisso com a equipa, através da “celebração”, “adoração” e “idolatria” (Pivato, 1991).

O artigo começa por discutir conceitos teóricos assentes num quadro conceptual que visa desenvolver o estado da arte em três itinerários de análise - crença coletiva, ritual e totem. Os argumentos aduzidos em torno destas questões são diversificados e ocorrem na sequência de um processo de aprofundamento de várias disciplinas académicas que se juntaram à discussão (religião,

filosofia, história e, especialmente, a sociologia). Assim, chamámos à discussão autores que se debruçaram sobre esta problemática, apesar de expressarem diferentes olhares ou várias linhas de exposição, como lhes quisermos chamar. O artigo termina com a discussão das principais conclusões da pesquisa.

Religião e Valores do Desporto

A relação entre o desporto e religião está profundamente enraizada na história, porém, continua a desempenhar um papel profundo na formação das sociedades modernas (Adogame, Watson, & Parker, 2017). Mesmo sabendo que o desporto e a religião partem de pressupostos teóricos assentes em bases diferentes e povoados por múltiplas contradições, Watson e Parker (2014) defendem que a religião moldou a natureza e o valor do desporto.

A religião e o desporto, e as práticas físicas que lhe estão associadas, são instituições que compõem a paisagem social da vida de muitos sujeitos (Bruce, 1996). Porém, cada qual caracterizado pelo seu desempenho ritualizado e pela devoção dos seus seguidores no espaço da *performance*, o que normalmente significa, para uns, a arena desportiva, para outros, a catedral de culto (Magdalinski e Chandler, 2002).

Sabe-se hoje que, ao longo da história, a religião teve influência significativa na maneira como o desporto foi organizado, difundido, melhorado ou suprimido (Peiser, 2000; Marivoet, 2015). Michael Novak (1994), um dos mais influentes estudiosos da religião nas dimensões moral, cultural e espiritual, afirma que as qualidades intrínsecas ao desporto aparecem muitas vezes como fonte de inspiração, devoção e realização para os seus seguidores, algo que a religião tradicional parece, por vezes, ser incapaz de inspirar na sociedade contemporânea.

Ao comparar o desporto com a religião, é importante a definição do termo religião. Porém, a religião é extremamente difícil de definir, não se confina no espartilho de uma única definição, por isso, são muitos os académicos e teólogos que buscam constantemente a contiguidade de uma definição. Em boa verdade, os argumentos, discussões e definições registam uma imensa profusão de propostas.

Desta forma, recorremos a um dos “clássicos” fundadores da sociologia, o sociólogo francês Émile Durkheim, que sugere não ser necessário existirem divindades sobrenaturais para haver religião: há sistemas de crenças e práticas que podemos qualificar de “religiosas”, das quais os deuses e os espíritos se encontram completamente ausentes (Durkheim, 2002). Assim, temos um critério muito simples que nos permite distinguir aquilo que é religioso daquilo que não é. A referência a Durkheim é importante para dar enfoque às diversas estruturas teóricas.

Um dos autores que estudou a natureza religiosa intrínseca ao desporto foi Novak (1994:152), para quem o desporto pode ser apelidado de “religião natural”, o autor estabelece esta distinção para que não se confunda com as tradicionais formas de religião. Novak esclarece, ainda, que “o desporto é uma forma de ‘religião natural’ porque ‘flui’ para fora em ação de um impulso natural profundo que é radicalmente religioso”.

Huizinga (1980) e Jirásek (2015), apresentam um quadro teórico onde defendem que o desporto, como prática atlética e performativa inclui dimensão sagrada e valores espirituais, porém, sem significado religioso. Wagg (2011) reconhece a fundação religiosa do desporto moderno, porém, com reservas, no seu apelo espiritual *versus* fisiologia.

Segundo Guttmann (2004:149), católicos e protestantes elaboraram um “*modus vivendi*”, uma espécie de concordata do desporto da era moderna, como provam as várias ligações da missão social da igreja ao desporto. Nos países predominantemente católicos, como o caso português, não são conhecidos clubes de futebol de entre os que disputam as ligas profissionais que tenham tido na sua fundação a intervenção direta da igreja. Já no caso britânico, a religião desempenhou um papel significativo na cultura do associativismo desportivo e conseqüente influência nos valores institucionais (Schroeder e Scribner, 2006), principalmente através da formação de várias equipas que ainda hoje se perpetuam no escalão maior do futebol inglês¹. Compreende-se, sem dificuldade, que a religião, para além de fornecer a ideia de conduta, reforça a ideia de coesão social (Giddens, 2011).

Para Higgs e Braswell (2004), a relação entre a igreja e o desporto moderno mudou, tornando-se simbiótica: a igreja, com a oferta do rito da bênção nos mais diversos torneios, com destaque para os megaeventos, convida os homens a louvar a Deus e anima-os a pedir a sua proteção; o desporto dá projeção à igreja através da influência cultural e mediatização. Segundo Forbes e Mahan (2005), estes aspetos enfatizam uma religiosidade de matriz popular.

De acordo, com Watson e Parker (2014), a celebração desportiva é uma prática que ajuda a preencher o vazio espiritual, cada vez mais ausente da cultura ocidental, um vazio que o “atleta - ídolo” passou a ocupar, até porque falar de ídolos é usar linguagem religiosa. Segundo Cashmore (2010), os rituais das celebridades são entendidos pelos fãs como expressões que preenchem esse vazio criado por um mundo impalpável. Berger (1997) chama a estas experiências da reprodução que permeiam a cultura popular, “sinais de transcendência” da condição humana. Para Trothen e Mercer (2017), são momentos que contribuem para a perceção do desporto como “religião popular”, muitas vezes construídos pela

1 Clubes ingleses como o Aston Villa, Barnsley, Birmingham City, Bolton Wanderers, Everton, Fulham, Liverpool, Manchester City, Queen's Park Rangers, Southampton e Tottenham Hotspur, estão entre as dezenas que tiveram as suas origens no seio da igreja (Taylor e Taylor, 1997; Lupson, 2006).

observância cultural, tradição e história. Como é exemplo a eternização de “lendas”, figuras históricas associadas a estórias místicas (Powers, 1992; Price, 2004).

Para Dunning (1999), o envolvimento dos fãs na celebração ou adoração a determinado clube ou coletividade é, de algum modo, uma evidência de que o desporto possui características de religião, porém, no sentido de Durkheim (2002). Na sua argumentação, o autor assemelha o fenómeno, que apelida de “semi-religião”, à necessidade de atender a um número cada vez maior de pessoas as funções até aqui desempenhadas pela religião, e que atualmente não encontram noutra lugar da sociedade, tendencialmente orientada para um padrão cultural de reflexão crítica.

Allen Guttmann (2004) argumenta que o desporto moderno é organizado como uma atividade secular e não sagrada ao identificar uma série de características distintivas na sua organização. O autor não deixa, todavia, de assumir que o desporto pode funcionar como uma “religião civil”, uma instituição “*quasi-religions*”, que substitui a religião sectária com o objetivo de promover a integração social.

Alguns autores consideram que o desporto deve ser olhado na perspetiva de uma “religião secular”, pois, como instituição social, tem sido largamente secularizada, no sentido em que atrai e estabelece vínculos sociais duráveis e iluminadores, na dupla dimensão sociológica e política que mapeiam o mundo do desporto (Koch, 2002; Mathisen, 2004; Liponski, 2009).

Watson e Parker (2013) atribuem às forças da secularização que moldaram a história social moderna, o papel fundamental pelo qual o desporto se tornou uma “religião civil”. Coles (1975) chamou-lhe uma “religião substituta”, um conceito em que o autor encontrou fundamento na forma como o futebol britânico foi moldado. Burstyn (2005), por seu lado, apelidou-a de “sacramento secular”, no sentido em que reflete a experiência estética da religião.

Somos, assim, conduzidos para a noção de que a racionalização como tendência da sociedade produz um padrão de pluralização cultural e diferenciação (Lechner, 1991). Porém, nas sociedades com culturas e instituições religiosas originalmente influentes, se não dominantes, um mundo mais secularizado, não substitui automaticamente a religião pelo desporto e vice-versa (Guttmann, 2004).

O Futebol como Crença Coletiva

O futebol é, sem dúvida, o desporto com mais seguidores, atraindo milhões de fãs em todo o mundo (Desbordes, 2007). A sua popularidade e importância social registam-se em todas as latitudes e junto de quase todos os povos, independentemente do seu grau de desenvolvimento, sistemas políticos e económicos, traços culturais e passados históricos (Coelho e Pinheiro, 2002).

King (2017) afirma que o futebol constitui um ritual público vívido na cultura europeia, através do qual surgem novas emergências sociais e redes económicas. Um desafio de futebol desempenha um importante papel na sociedade moderna (Morris, 1985). O autor exemplifica que, à semelhança de uma assembleia religiosa, um desafio de futebol não só junta uma vasta multidão, como também a associa a uma crença comum – a crença desmedida na sua equipa. Uma crença que une milhões de seres humanos, aparentemente inteligentes, a assistirem a um jogo de futebol e sentirem que os esforços atléticos de estranhos são, de alguma forma, consequentes para si mesmos. A este propósito, Le Bon (1922) afirma que a alma coletiva do povo só se manifesta quando se trata de interesses consideráveis, sobretudo porque o mundo da crença possui lógica e leis.

Se, por um lado, Maffesoli (1996) defende que a crença coletiva no futebol é curiosamente restrita, mas intensamente pública, por seu lado, Le Bon (1922) enfatiza a qualidade expressiva, e não a racional, da tomada de decisão coletiva e da escolha. O autor defende que uma crença é um ato de fé de origem inconsciente, que força os indivíduos a admitir em bloco uma ideia, uma opinião, uma explicação ou uma doutrina.

Higgs e Braswell (2004) notam que a crença funciona como um fator de influência das variedades comportamentais, e que a essência do sagrado é vivenciada pelos fãs como sentimento de dependência, respeito e confiança. Giulianotti (1999) faz eco desses sentimentos, observando que o jogo moderno, de certa forma, suplantou a religião não só como a principal instituição capaz de coesão social, mas, sobretudo, pela oportunidade de experiências emocionais estéticas e estados de êxtase que levam a estados de dependência.

Nesta linha argumentativa, Levinson e Christensen (2005) defendem que a perspectiva religiosa do “*Latin Root Obligare*”, em que a crença se baseia essencialmente nas noções de solidariedade, pertença e conexão, faz um paralelo entre o sistema de crenças da experiência religiosa e o sistema de crenças que orienta os adeptos de futebol mais fervorosos. Morris (1985) apontou a devoção dos adeptos como uma fenomenologia “religiosa” e “primitiva”, com um corpo de crenças formalmente aceites. Com efeito, Edwards (1973) afirma que a crença não se discute, mas sim, orienta os pensamentos, as opiniões e, por conseguinte, a maneira de proceder. Isto é, a crença implanta-se no espírito (Le Bon, 1922).

Maffesoli (1996) usa a metáfora “*neo-tribo*” para explicar certas formas de encontros comunitários na sociedade contemporânea, onde a estética é um importante vetor de agregação, o cimento social que, enquanto teatralidade, instaura e reafirma a comunidade. Apesar de serem momentos dissociados de racionalidade e organização, congregam uma intensa unidade social, que se materializa em deleite e delírio, sentimentos que Durkheim (2002) identificou como “*efervescência coletiva*”, e que, mais tarde, Turner (1969:96) descreveria como “*communitas*” - um estado psicológico oposto às estruturas

hierárquicas e papéis sociais atribuídos pela sociedade e que os seres humanos, por vezes, precisam transcender para se ligarem uns aos outros.

O Futebol como Ritual

Embora Durkheim não tenha reconhecido a importância do desporto como ritual (King, 2017), é possível adotar uma relação analítica apropriada ao futebol à luz do seu trabalho. Em “*As Formas Elementares da Vida Religiosa*”, Émile Durkheim fornece um profundo relato sociológico do ritual, ainda hoje, um dos recursos mais frutíferos para a sua compreensão. Durkheim argumenta que o ritual constituiu um mecanismo fundamental pelo qual a solidariedade social dos clãs aborígenes na Austrália era sustentada. Destacou o papel do ritual na vida social deste grupo, acrescentando que tais performances rituais são universais (King, 2017).

Para Durkheim (2002), qualquer sociedade relativamente saudável baseia-se numa série de crenças, rituais e símbolos, que expressam valores com significado transcendental, considerados sagrados pelos membros do grupo que unem essa comunidade. É através da teoria dos rituais que os aspetos simbólicos e estéticos de qualquer jogo social permitem projetar no ritual o carisma das origens comuns (o mundo dos homens em oposição ao mundo das mulheres, o mundo da identidade local, o bairro, a cor da camisola do clube de futebol para o mundo da identidade abstrata), num espaço rotulado pela força da estrutura social (Turner, 1974). De onde se infere que o ritual é o desempenho da ação governada por regras, cujo conteúdo é irrelevante para a sua compreensão (Staal, 1979), porém, um poderoso veículo para assegurar a unidade social (Gluckman, 1965).

Turner (1969) identifica o símbolo como o bloco da construção do ritual. Por isso, o termo “ritual” é usado em várias circunstâncias², podendo descrever ações entendidas como religiosas ou seculares, ou ambas. É apresentado como processo e produto, realizado tanto pelo indivíduo como pela sociedade, pode ser público ou privado (Collins, 2009). Representa, sobretudo, a maneira pela qual um indivíduo deve guardar e projetar as implicações simbólicas dos seus atos, na presença de um objeto de especial valor para si (Goffman, 2011).

Para King (2017), o ritual desportivo fornece um foco iluminador para a investigação sociológica, porque é uma arena em que as relações sociais e os entendimentos partilhados são visceralmente recriados. Como sublinha Durkheim, a recreação do ritual não é ociosa, mas sim essencial à ação,

2 O termo “ritual” é usado quer no discurso do quotidiano para descrever uma variedade de comportamentos padronizados, desde uma missa católica ao canto dos monges budistas nos Himalaias, a um ato de coroação ou o simples ato de beber chá (Collins, 2009).

interação, reunião e celebração para manter o grupo social unificado. Sem ritual, “a interação do grupo social fragmenta-se numa existência profana, o grupo social deixa de existir” (King, 2017:19).

Neste âmbito, o futebol é um ritual de construção cultural que dá consistência aos ideais sociais (função de agregação simbólica), por isso, possibilita a comunicação simbólica entre os seus participantes (Hoffman, 1999). De facto, o poder do ritual está na força existente no seu conteúdo e na eficácia da sua comunicação, a informação que o compõe e a interiorização dessa informação é o motor da transmissão e do envolvimento do grupo com os símbolos do ritual (Lambek, 2002). Quer como expressão, quer como performance, o ritual é comunicativo, padronizado, estereotipado, envolve manipulação e tradicional (Collins, 2009).

Os rituais desportivos são comumente realizados através dos *media* que os transformam em fenómenos quase religiosos, sobretudo, através da ênfase ritualística que as transmissões desportivas colocam na criação de “personagens” (Schroeder e Scribner, 2006), em que cada elemento afeto à transmissão de um evento reforça a noção dominante do ritual (Baker, 2007).

Segundo King (2017), as relações sociais são reconhecidas por aqueles que lhe são partidários, com efeito, o ritual constitui o local crítico no qual esse reconhecimento comunitário ocorre. Note-se os rituais empregues em dia de jogo, como por exemplo os cânticos que marcam, produzem, idealizam e celebram a comunidade (Maffesoli, 1996; Collinson, 2009). Os cânticos são “imagens carregadas de simbolismo e familiarizadas com o sentimento indescritível de ser parte de um coletivo” (Novak, 1992:37), e comportam: repetição, sincronia, foco de atenção partilhado e símbolos do grupo, os quatro principais elementos do ritual durkheimiano (Collinson, 2009).

E para aqueles que os entoam, os cânticos estabelecem a noção de “*território retórico*”, um território partilhado com todos os que são capazes de seguir o mesmo raciocínio, cujos aforismos, vocabulário e modos de pensamento formam uma “cosmologia” (Augé, 1995). Segundo Serazio (2013), os rituais dos adeptos são tão essenciais ao futebol quanto o que acontece no relvado, pois esses rituais preservam a memória coletiva que sustenta o totem e, por sua vez, o grupo que o suporta.

O Mito do Totem

Segundo Sandvoss (2003), os indivíduos necessitam de modos de participação e identificação para conferir significado à vida coletiva. No caso dos adeptos de futebol, a identificação com uma equipa ou a idolatria a um atleta ou a um clube, une-os na partilha da mesma fidelidade; eles pertencem, têm identidade de grupo (Eitzen, 2009), uma identidade que se exprime regularmente pelo uso do pronome “nós”, no sentido de apropriação e expressão de uma unidade inseparável (Serazio, 2013).

Para Novak (1994), o futebol representa a celebração da condição humana não inocente, não racional e não liberal, por isso, a identificação com a equipa, atleta ou clube é pródiga em atitudes inassimiláveis à luz do racionalismo. São vários os exemplos, que mostram como os adeptos constroem a sua realidade: uns, colecionam lembranças tangíveis da sua paixão e lealdade, outros, transformando os refúgios em relicários virtuais (Morris, 1985) ou em santuários (Dunning, 1999). Atitudes que funcionam de forma semelhante às atividades míticas tradicionais, em que as formas simbólicas do mito fornecem identificação pessoal, agregação e arquétipos heroicos. Real (1975: 36) afirma que “as formas simbólicas do mito refletem e sacralizam as tendências dominantes de uma cultura, sustentando assim as instituições sociais e estilos de vida”.

Segundo Durkheim (2002), a maior parte das tribos australianas apresentam-se sustentadas por uma estrutura base: o clã. Os indivíduos que compõem este grupo não se consideram próximos por possuírem algum tipo de parentesco, no sentido em que o grupo a que pertencem está ligado indelevelmente como uma família, mas sim, por responderem igualmente perante a palavra que os define, o totem, com o qual têm uma relação visceral.

De forma semelhante às tribos estudadas por Durkheim, os adeptos de futebol ao representarem simbolicamente um clube tornam-se parte da comunidade ou clã, sem serem necessariamente familiares, desfrutam de um ritual de parentesco baseado num vínculo comum (Eitzen, 2009), representando uma “família cívica”, no sentido de Butterwort (2005).

Os afetos, o emocional, as coisas que são da ordem da paixão, deixam de estar confinados à esfera da vida privada: à medida que os adeptos são atraídos para o clã e reforçam o papel de participantes, imprimem sentimento às suas ações (Price, 2004), identificam-se com objetos totémicos e reforçam a relação afetiva com o seu totem num quadro de ritual (Cashmore, 2010). Por essa razão, Serazio (2013) advoga que os rituais que acompanham os eventos desportivos permitem um vínculo totémico entre o grupo e os símbolos icónicos da equipa, razões que ajudam a preservar a memória coletiva que sustenta o totem.

Durkheim (2002) defende que não é a coisa em si que causa o culto e gera o totemismo, mas aquilo que é representado por ele. Daqui se conclui que o totem pode ser a expressão material de um símbolo, ainda que, por um lado, de um princípio divino totémico e, por outro, da sociedade determinada, que é o clã. O símbolo é a “representação coletiva” porque serve como lembrete dos valores da comunidade (Birrell, 1981).

Para Maffesoli (1998), os sonhos individuais e coletivos são feitos de esperança, transbordam cada vez mais a vida privada e ocupam, em massa, a praça pública. Por isso, o consumo coletivo do totem sagrado criou um vínculo social entre os indivíduos e as divindades. Segundo Durkheim (2002), o totemismo coloca em primeiro lugar, entre as coisas que reconhece como sagradas, as representações

figuradas do totem. O uso dos símbolos cria um vínculo social que é expressivo de autoidentidade (Cova, 1997). Quer isto dizer que o totemismo implica uma estreita associação entre um clã e uma categoria determinada de objetos.

Estas considerações tornaram evidente os argumentos de (Durkheim, 2002) quando este nos diz que o totem é cútico, idolatrado e dominado pela noção de um princípio quase divino. Não é por isso de estranhar, como afirmam Jona e Okou (2013), que a idolatria é provavelmente um dos elementos mais básicos de qualquer religião.

É precisamente a partir de todas estas ideias, aqui abordadas e discutidas, que emergem algumas questões de investigação que nos propomos responder:

QI.1. Existe ou não uma relação direta entre o envolvimento com um determinado clube e com uma religião, independentemente do clube ou da religião? E qual a relação entre o envolvimento entre homens e mulheres?

QI.2. A crença coletiva, dimensão da esfera religiosa, aplica-se ao futebol?

QI.3. O ritualismo, dimensão da esfera religiosa, aplica-se ao futebol?

Q.I.4. O totem, dimensão da esfera religiosa, aplica-se ao futebol?

Q.I.5. A crença coletiva, o ritualismo e o totem explicam o envolvimento com o futebol?

Abordagem e Métodos de Investigação

O alcance da nossa investigação é amplo e inclui diferentes dimensões de análise, tal como o conceito de religiosidade de Glock e Stark (1965) um fenómeno multidimensional. Glock (1962) e Glock e Stark (1965) sugerem a conveniência em conceptualizar a religiosidade em vários aspetos em vez de assumir uma medida geral, já que a relevância das dimensões de um conceito teórico e abstrato como a religião num contexto social específico assim o exigem.

Para darmos resposta às questões de investigação, desenvolvemos um inquérito por questionário, cuja elaboração teve como ponto de partida um conjunto de reflexões e ilações que foi efetuado aquando da revisão da literatura, e aborda os seguintes temas: envolvimento com futebol e envolvimento com religião, em dois itens e três dimensões.

As dimensões em análise foram aferidas através da tipologia das cinco dimensões básicas consagradas no abrangente trabalho de Glock (1962) e Glock e Stark (1965): ideológica (crença), ritualística, experiencial, intelectual e conseqüente (os efeitos das outras quatro dimensões aplicadas ao mundo secular).

Segundo Glock (1962), são poucos os trabalhos que tenham analisado as cinco dimensões simultaneamente, foi prestada pouca atenção à dimensão experiencial e os indicadores de religiosidade mais utilizados enquadram-se nas dimensões ritualística e ideológica (crença).

Neste sentido, o nosso trabalho analisou as dimensões crença coletiva, ritual e totem³. A dimensão crença foi medida através de três itens, o sentimento de dependência, sentimento de pertença e crença na equipa. Quanto à dimensão ritualística, também designada de “envolvimento ritual” (Stark e Glock, 1968), ou “envolvimento associado” (Lanski, 1961), é considerada por Nudelman (1971) como a dimensão mais simples para trabalhar a religiosidade. Esta dimensão é aferida através de três itens que avaliam a valorização de atos ritualizados (participação organizacional), valorização e envolvimento (devoção) (Stark e Glock, 1968), e excitação emocional (McCauley e Lawson, 2002). Quanto à dimensão totem, foi desenvolvida através da proposta de Fulconis e Pache (2014), e aferida através de três itens que avaliam a valorização dos símbolos, sacralização e lealdade (Derbaix e Decrop, 2011).

O questionário resulta em 16 questões, sendo 9 sobre os temas acima descritos, 2 indicadores que medem o envolvimento com religião e futebol, 1 item que identifica o clube apoiado e ainda, 4 indicadores sociodemográficos. Para medir o grau de intensidade das questões 3 e 4, foi aplicada a *Likert Scale* de 10 pontos (variando entre 1 indicando nada envolvido e 10 significando muito envolvido). O conjunto de questões entre a 6^a e a 14^a foi avaliado com a aplicação da *Phrase Completion Scale*, para medir os vários atributos associados às dimensões da crença coletiva, ritualística e uso de objetos totémicos.

Desta feita, foi fornecido aos inquiridos um fragmento incompleto de frase, acompanhado por duas preposições opostas ligadas por uma escala que varia de 1 a 11, as quais completam o fragmento de cada extremidade da escala (Hodge e Gillespie, 2003). A faixa de 1 a 11 fornece um *continuum* para responder, com 1, correspondente a ausência ou quantidade zero do atributo, até 11, corresponde à quantidade máxima do atributo. Segundo Schwarz *et al.*, (1991) a construção é medida por itens que enfatizam a força do atributo. Para Hodge e Gillespie (2003), o método de *Phrase Completion* promete aumentar a confiabilidade e a validade em relação às escalas de *Likert*.

3 O “uso de objetos totémicos” não é concebido no constructo de religiosidade de Glock (1962) e Glock e Stark (1965) como dimensão fundamental da religião.

Amostra e Recolha de Dados

O inquérito foi aplicado a uma amostra não probabilística de conveniência em redes sociais, concretamente nas *fanpages* de apoio a clubes e nas imediações de dois estádios de futebol⁴, em dias de jogo, entre de 15 de novembro a 25 de dezembro de 2017.

Procedimentos Estatísticos Adotados no Tratamento dos Dados Recolhidos

Do total de 530 respostas foram validadas 488, pelo facto de se terem excluído os inquéritos incompletos.

Os dados foram analisados no programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22. A análise quantitativa dos dados obtidos foi alvo dos seguintes procedimentos estatísticos: para alguns indicadores, calcularam-se as estatísticas descritivas, nomeadamente médias e desvios-padrão. Para se estudar as dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem, começou por se avaliar a sua fiabilidade e consistência interna através do *Alpha de Cronbach*, tendo-se confirmado que todas apresentam fiabilidade aceitável, podendo ser trabalhadas como índices (ver quadro 2). E sobre essas dimensões, analisaram-se as suas médias e desvio-padrão, bem como as dos seus indicadores.

No sentido de compreender se as três dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem explicam o envolvimento com futebol, recorreu-se à Análise de Regressão Múltipla, depois de confirmados os seus seis pressupostos⁵, bem como a existência de correlação estatisticamente significativa entre as três dimensões e o indicador envolvimento com futebol.

Análise de dados

Os 488 inquiridos têm uma idade média de 30,7 anos. Verifica-se que cerca de 43% têm habilitações ao nível da Licenciatura, e 31% o 12º ano. Quanto à ocupação profissional 25% dizem ser: técnicos e profissionais de nível intermédio e 22% estudantes.

Os inquiridos são maioritariamente do sexo masculino (71,7%), sendo 28,3% do sexo feminino, como se apresenta no Quadro 1.

4 Estádio da Luz e de Alvalade em dias de jogo.

5 Pressupostos da Análise de Regressão Múltipla: (1) Linearidade do fenómeno, (2) Inexistência de multicolinearidade, (3) Variáveis aleatórias com valor esperado nulo, (4) Variância constante das variáveis aleatórias residuais, (5) Independência das variáveis aleatórias residuais e (6) Distribuição normal das variáveis aleatórias residuais (Brites, SD).

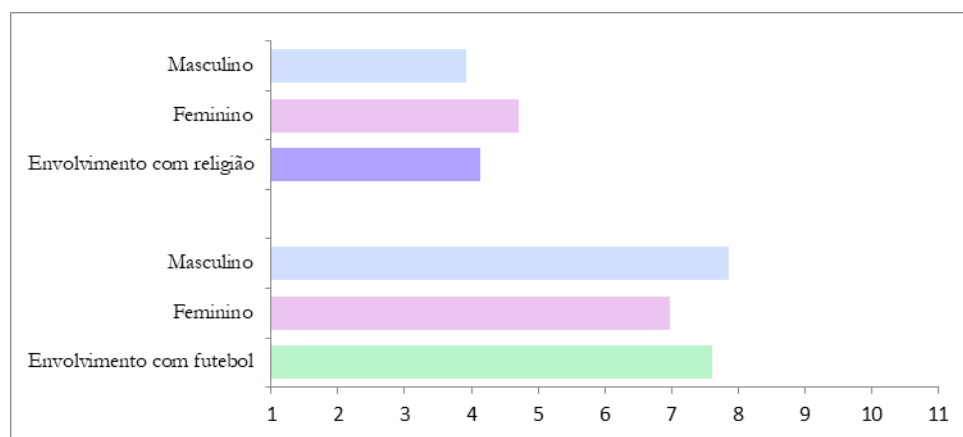
Quadro 1. Caracterização da Amostra por Sexo

SEXO	FREQUÊNCIAS	%
Feminino	138	28,30
Masculino	350	71,70
TOTAL	488	100,00

QI.1: os entrevistados assumem, em média, um envolvimento elevado com o futebol, independentemente do clube a que pertencem, uma vez que se posicionam no ponto 7,60 da escala (dois pontos acima do seu centro). Os homens declaram-se mais envolvidos do que as mulheres, com uma diferença de praticamente 1 ponto, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($t=3,403$; $p < 0,01$), como se pode verificar na Figura 2.

Por outro lado, os inquiridos revelam baixo envolvimento com a religião (uma média de 4,14), praticamente 1,5 ponto abaixo do centro da escala, evidenciando-se as mulheres com maior envolvimento com uma religião do que os homens, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($t=-3,018$; $p < 0,01$).

Figura 1. Média do nível de envolvimento com o futebol e com a religião



Escala: 1= nada envolvido; 11= muito envolvido

Conclui-se, assim, que o envolvimento com futebol é mais alto do que o envolvimento com religião, sendo os homens mais envolvidos com futebol do que as mulheres e estas mais envolvidas com a religião do que os homens.

A existência de correlação positiva muito baixa entre envolvimento com futebol e com religião, a qual é estatisticamente significativa, revela a tendência para que a maior envolvimento com futebol corresponda maior envolvimento com religião ($r=0,100$; $p < 0,05$).

Confirmou-se a fiabilidade de todas as dimensões, cujo *Alpha de Cronbach* indica consistência interna aceitável, como se pode observar no Quadro 2.

Quadro 2. Fiabilidade das dimensões estudadas

Dimensão	Alpha Cronbach	Nº indicadores
Crença Coletiva	0,676	3
Ritual	0,822	3
Totem	0,743	3

Os entrevistados revelam a partilha de Crença Coletiva, já que a média desta dimensão é 7,51 (1,5 pontos acima do centro da escala). Dos três indicadores que compõem esta dimensão, a lealdade é o que obtém maior valorização, com uma média de 9,01 (3 pontos acima do centro da escala).

Quadro 3. Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Crença Coletiva

Indicadores	Média	Desvio padrão
Quando não há jogos de futebol ... (escala: 1= não sinto qualquer sentimento de ausência; 11: sinto um forte sentimento de ausência)	6,31	3,34
Quando vou ao estádio sinto que pertenço a algo que ... (escala:1=não afeta nenhum aspeto da vida; 11=afeta absolutamente a minha vida)	7,23	3,16
Quando a minha equipa joga mal e acumula derrotas... (escala: 1= a minha lealdade é muito abalada; 11= a minha lealdade continua inabalável)	9,01	2,85
Dimensão Crença Coletiva	7,51	2,43

Escala: 1-11

Estes dados permitem-nos responder à QI.2, assumindo a ideia de que a crença coletiva, sendo uma dimensão da esfera religiosa, se pode aplicar à arena futebolística.

Os indivíduos identificam uma dimensão de ritualismo no futebol, ao valorizarem os três indicadores com uma média de 8,07 (aproximadamente 2 pontos acima do centro da escala), sendo a forma de celebração afetada pelo facto de se estar entre outros que partilham a mesma devoção o fenómeno que pontuação mais alta obtém (média de 8,32), como se constata no Quadro 4.

Quadro 4. Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Ritual

Indicadores	Média	Desvio padrão
O compromisso emocional com o meu clube... (escala: 1= não me faz sentir mais valorizado nem mais envolvido; 11=faz-me sentir mais valorizado e envolvido)	7,74	2,99
Quando vou ao estádio assistir a um jogo de futebol... (escala: 1= não valorizo as coreografias nem os cânticos rituais entoados; 11= Valorizo bastante as coreografias e os cânticos rituais entoados)	8,15	2,87
Estar entre outros que partilham a mesma devoção que eu pelo meu clube... (escala: 1= não altera a forma como celebro; 11= faz-me celebrar de forma mais efusiva)	8,32	3,02
Dimensão Ritualismo	8,07	2,54

Os resultados obtidos permitem concluir, respondendo à QI.3, que o ritualismo, sendo uma dimensão da esfera religiosa, se aplica ao futebol.

Constata-se a valorização de objetos totémicos na arena futebolística, uma vez que a média de 7,28 desta dimensão se encontra 1,28 pontos acima do centro da escala. A ideia de vandalismo associada a um objeto do clube é o indicador que mais importância adquire na dimensão Totem, como se constata no Quadro 5.

Quadro 5. Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Totem

Indicadores	Média	Desvio padrão
Sempre que estou a usar símbolos do meu clube... (escala: 1= não sinto nada de diferente; 11= sinto que reforça a minha devoção)	7,71	3,16
Quando alguém vandaliza algum objeto simbólico do meu clube, sinto que ... (escala: 1= é uma ato que me é indiferente; 11= esse ato deve ser punido)	8,38	2,88
Ir ao estádio e não levar qualquer objeto simbólico do clube... (escala: 1= não altera em nada a forma como exprimo a minha lealdade; 11= sinto que não estou a exprimir verdadeiramente a minha lealdade)	5,74	3,75
Dimensão Totem	7,28	2,67

Dando resposta à Q.I.4, conclui-se que o Totem, dimensão da esfera religiosa, se aplica igualmente ao futebol.

Os resultados da Análise de Regressão Múltipla indicam que as três dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem explicam 52,7% do envolvimento com o futebol, sendo o modelo significativo ($p < 0,001$). A Crença Coletiva é a dimensão que mais impacto tem no Envolvimento com Futebol, seguida do Ritual, as quais são estatisticamente significativas. Já o Totem tem um impacto bastante menor e não é estatisticamente significativo, como se pode observar no Quadro 6.

Esta conclusão permite responder à Q.I.5, afirmando que as três dimensões estudadas Crença Coletiva, Ritualismo e Totem explicam 52,7% do envolvimento com futebol, sendo a Crença Coletiva a que mais impacto tem no Envolvimento com Futebol sendo o Totem o menor e estatisticamente não significativo.

Quadro 6. Fatores determinantes do Envolvimento com o futebol

Variáveis Independentes	Betas
Crença Coletiva	0,454*
Ritual	0,278*
Totem	0,059
R ² ajustado	0,527*
F (3,484)	181,750

* $p < 0,001$

Considerações Finais

Através da análise e interpretação dos principais dados, foram encontrados fortes padrões sociais que corroboram a revisão da literatura. Em termos genéricos, aferimos a existência de atributos associados às três dimensões em análise (crença coletiva, ritual e totem) entre os adeptos da modalidade, o que nos permite afirmar que o sentido de afiliação aos clubes de futebol e as vivências dos jogos dos campeonatos contém, em si, elementos de base religiosa que mapeiam as suas práticas sociais.

Os respondentes assumem, em média, um elevado envolvimento com o futebol, independentemente do clube a que pertencem, ainda que os homens se declarem mais envolvidos do que as mulheres.

Somos levados a perceber que é essencialmente através da dimensão Crença Coletiva que o futebol assume a forma da ação coletiva, porque a crença orienta os pensamentos, as opiniões e, por conseguinte, a maneira de proceder. Como frisa Butterwort (2005), o desporto tem um corpo de crenças formalmente aceites.

Voltando aos dados, e à dimensão Ritual, verificamos que apesar de ser uma dimensão da esfera religiosa, é replicada no contexto do futebol, indiciando uma transferência da esfera do religioso para o secular (Belk *et al.*, 1989). É de assinalar a centralidade desta dimensão como sinal de dinamismo social, um indicador de construção identitária. Os rituais revelam valores na sua forma de expressão convencional, logo, os valores do grupo. Turner (1969) vê no estudo dos rituais a chave para a compreensão da sociedade. Quer a religião quer o desporto são “dimensões populares e significativas da experiência humana” (Alpert, 2015:3).

Atualmente, o futebol não é apenas uma atividade desportiva, é também uma necessidade para uma sociedade que exige cada vez mais espaços de lazer. As experiências rituais partilhadas nos estádios transcendem qualquer *status* social e agem como “provas de que o homem não vive só de pão” (Turner 1974: 392). Ao contrário de algumas religiões civis mais elitistas, o futebol oferece um ritual integrador o que facilita a sua difusão entre as *massas*, desempenha um papel unificador entre os participantes (Slusher, 1976).

Como ritual social o futebol constrói intensos vínculos de excitação emocional, muitas vezes identificados como uma forma de escapismo, que afeta milhões de pessoas propensas a consumir mensagens orientadas para a identidade, numa rota de processamento periférica (Hundley e Billing, 2009). No *fandom*, como no culto religioso, as conexões sociais são trazidas à vida, nas arquibancadas ou nos bancos da igreja, como afirma Novak (1976:19) “ir a um estádio é metade como ir a um comício político, metade como ir à igreja”.

O futebol não é o único ritual desportivo com expressão em Portugal, mas tem tido um importante papel na construção simbólica do ritual e conjunto de crenças com capacidade de atração e mobilização no espaço da cultura popular, que muitas vezes impedem outras afiliações sociais.

No respeitante à dimensão Totem, os dados sugerem que a maioria dos respondentes menciona o item – sacralização, com um significado muito especial, mostrando um sentido de lealdade fanático pelos objetos simbólicos do seu clube como algo que deve ser protegido e respeitado. Belk *et al.*, (1989) sugerem que a transformação de um item profano em sagrado é baseada no investimento e energia colocados pelo adepto na filiação.

Apesar de expressarem um forte apelo à punição aquando da vandalização dos símbolos totémicos do seu clube, a maioria dos adeptos não valorizou de igual modo o uso desses objetos quando vão ao estádio; referiram que o facto de não usarem qualquer símbolo do clube não altera em nada a forma como exprimem a sua lealdade. Porém, quando questionados se o uso de objetos totémicos reforça a sua devoção, os respondentes não tiveram dúvidas em afirmar esse reforço. Para Morris (1985), o emblema totémico da unidade é uma marca tribal que, há muito, simboliza a devoção.

Face a estes dados, parece ser indubitável que o futebol é uma “religião” consolidada e agregadora, pois cumpre algumas das funções atribuídas à religião tradicional. Apesar, de todas as grandes preocupações humanas, onde se incluem a religião e o desporto, trazerem consigo, em potência, o bem e o mal, o êxtase e a agonia (Morris, 1985), elas atuam, quer na construção quer no alívio, de “energias destrutivas” (Sipes, 1973; Russell, 1983).

Apesar da riqueza dos dados obtidos, ficam por explorar algumas relações entre variáveis, pois não são questões que possam ser adequadamente avaliadas no contexto de um artigo. Esta pesquisa apresenta como limitação a considerar: o facto de se ter procurado os indivíduos a entrevistar em contextos propícios ao futebol, tanto *online* como em cenário físico, pode explicar o desequilíbrio observado entre envolvimento com futebol e envolvimento com religião. Ademais, a análise apresentada neste texto poderá ser um ponto de partida para estudos futuros, essencialmente, porque o futebol pode ser analisado como um reflexo da sociedade contemporânea, que se tornou uma manifestação ritual, um espelho simbólico da estrutura social e da cultura.

Referências bibliográficas

- Alpert, Rebecca T. (2015). **Religion and Sports: An Introduction and Case Studies**. New York: Columbia University Press.
- Augé, Marc (1995). **Non-places: introduction to an anthropology of super modernity**. London: Verso.
- Baker, William J. (2007). **Playing with God: Religion and modern sport**. Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press.
- Belk, W. Russel, Melanie Wallendorf e John F. Sherry (1989). “The Sacred and the Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the odyssey”, **Journal of Consumer Research**, vol. 16, p. 1-39.
- Berger, Peter L. (1997). **Redeeming laughter: Comic Dimension of Human Experience**. New York: De Gruyter.
- Birrell, Susan (1981). Sport as Ritual: Interpretations from Durkheim to Goffman. **Social Forces**, vol. 60, n.2, p. 354-376.

- Brites, Rui (SD). Análise Multivariada de Dados em SPSS (O essencial), **Manual de Apontamentos policopiado**.
- Bruce, Steve (1996). **Religion in the Modern World: From Cathedrals to Cults**. Oxford: Oxford University Press.
- Burstyn, Varda (2005). Sport as secular Sacrament. In: **Sport in Contemporary Society: An Anthology**. Eitzen, D. Stanley (org.). Boulder, USA: Paradigm Publishers, p. 11-20.
- Butterwort, Michael L. (2005). Ritual in the “Church of Baseball: Suppressing the Discourse of Democracy after 9/11. **Communication and Critical/Cultural Studies**, vol. 2, nº 2, p. 107-129.
- Cashmore, Ellis (2010 [1990]). **Making Sense of Sports** (5ª ed.). London: Routledge.
- Coelho, João N. e Pinheiro, Francisco (2002). **A Paixão do Povo: História do futebol em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento.
- Coles, Robert W. (1975). Football as a Surrogate Religion. In: **A Sociological Yearbook of Religion in Britain**. Michael Hill (org.). London: SCM Press, p. 61-77.
- Collins, Peter (2009). Religion and Ritual: A Multi-perspectival Approach. In: **The Oxford Handbook of the Sociology of Religion**. Peter B. Clarke (org.). New York: Oxford University Press, p. 671-690.
- Collinson, Ian (2009), Singing Songs, Making Places, Creating Selves: Football Songs & Fan Identity at Sydney FC. **Transforming Cultures e-Journal**, vol. 4, nº 1, p. 15-27.
- Cova, Bernard (1997). Community and Consumption: Towards a definition of the ‘linking value’ of product or services. **European Journal of Marketing**, vol. 31 nº3/4, p. 297-316.
- Derbaix, Christian, e Alain Decrop (2011). Colours and Scarves: an ethnographic account of football fans and their paraphernalia. **Leisure Studies**, vol. 30, nº3, p. 271-291.
- Desbordes, Michel (2007). **Marketing and Football: An international perspective**. Oxford: Elsevier Ltd.
- Dunning, Eric (1999). **Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence, and Civilization**. London: Routledge.
- Durkheim, Émile (2002 [1912]). **As Formas Elementares da Vida religiosa**. Oeiras: Celta Editores.
- Edwards, Harry (1973). **The Sociology of Sport**. Homewood, Illinois: Dorsey Press.
- Eitzen, D. Stanley (2009). **Fair and Foul: Beyond the Myths and Paradoxes of Sport**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Forbes, B. David e Mahan, Jeffrey H. (2005). **Religion and Popular Culture in America**. USA: University of California Press.

Fulconis, François e Gilles Pache (2014). Football Passion as a Religion: the four dimensions of a sacred experience. **Society and Business Review**, vol. 9, n°2, p.166-185

Giddens, Anthony (2011 [1972]). **Capitalismo e Moderna Teoria Social** (7ed.). Barcarena: Editora Presença.

Giulianotti, Richard (1999). **Football: A Sociology of the Global Game**. London: Polity Press.

Glock, Charles Y. (1962). On the study of religious commitment. **Religious Education: The official journal of the Religious Education Association**, vol. 57, n°4, p. 98-110.

Glock, Charles Y. e Rodney Stark (1965). **Religion and Society in Tension**. Chicago: Rand McNally.

Gluckman, Max (1965). **Politics, Law and Ritual in Tribal Society**. Oxford: Oxford University Press.

Gómez-Bantel, A. (2016). Football Clubs as Symbols of Regional Identities. **Soccer & Society**, vol. 17, n°5, p. 692-702.

Goffman, Erving (2011). **Ritual de Interação: Ensaios sobre o comportamento face a face**. Brasil: Editora Vozes, Lda.

Guttman, Allen (2004 [1978]). **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. New York: Columbia University Press.

Higgs, Robert J., e Braswell, Michael C. (2004). **An Unholy Alliance: The Sacred and Modern Sports**. Macon: Mercer University Press.

Hodge, David R. e Gillespie, David (2003). Phrase Completions: An alternative to Likert scales. **Social Work Research**, vol. 27, n°1, p. 45-55.

Hoffman, Shirl J. (1992). **Sport and Religion**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

Hoffman, Shirl J. (1999). The Decline of Civility and the Rise of Religion in American sport. **Quest**, vol.51, n°1, p. 69-84.

Huizinga, Johann (1980). **Homo Ludens: Study of the Play Element in Culture**. London: Routledge.

Hundley, Heather L. e Andrew C. Billings (2009). **Examining Identity in Sports Media**. London: Sage Publications.

Jirásek, Ivo (2015). Religion, Spirituality, and Sport: From Religio Athletae Toward Spiritus Athletae. **Quest**, vol. 67, n° 3, p. 290-299.

King, Anthony (2017). **The European Ritual: Football in the New Europe**. London: Routledge.

Koch, Alois (2002). **Sport - A Secular Religion?** Obtido em 24 de setembro de 2017, disponível em: <http://www.con-spiration.de/koch/>.

- Lambek, Michael (2002). **A Reader in the Anthropology of Religion**. Oxford: Blackwell Publishers.
- Le Bon, Gustave (1922). **As Opiniões e as Crenças**. Rio de Janeiro: Garnier.
- Lechner, F. J. (1991). The Case against Secularization: A Rebuttal. **Social Forces**, vol. 69, nº 4, p. 1103-1119.
- Lenski, Gerhard (1961). **The Religious Factor: A Sociological Study of Religion's Impact on Politics, Economics, and Family Life**. New York: Doubleday and Company, Inc.
- Levinson, David e Karen Christensen (2005), **Berkshire Encyclopedia of World Sport** (Vol. I). Massachusetts, USA: Great Barrington.
- Liponski, Wojciech (2009). Sport: From Profound Religious Expressions to Secular Ritual, Stadion. **International Journal of the History of Sport**, vol. 35, p. 67-86.
- Lupson, Peter (2006). **Thank God for Football!**. UK: Azure.
- Magdalinski, T., e Chandler, T. J. (2002). **With God on their Side: Sport in the Service of Religion**. London: Routledge.
- Marivoet, Salomé (2015). **Tradição Religiosa, Corpo e Jogos Lúdicos**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, p. 94-108.
- Maffesoli, Michel (1996). **The Time of the Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society**. London: SAGE Publications.
- Maffesoli, Michel (1998). **Elogio da Razão Sensível**. SP, Brasil: Editora Vozes.
- Mathisen, James A. (2004). American Sport as Folk Religion: Examining a test of its strength. In: **From Season to Season: Sports as American religion**. Joseph L. Price (org.). Georgia, USA: Mercer University Press, p. 141-158.
- Mathisen, James A. (2006). Sport. In: **Handbook of Religion and Social Institutions**. Helen Rose Ebaugh (org.). USA: Springer, p. 285-304.
- McCauley, Robert N. e Lawson, E. Thomas (2002). **Bringing Ritual to Mind: Psychological Foundations of Cultural Forms**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morris, Desmond (1985). **A Tribo do Futebol**. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Novak, Michael (1994 [1976]). **The Joy of Sports: End Zones, Bases, Baskets, Balls, and the Consecration of the American Spirit**. New York: Basic Books, Inc. Publishers.
- Novak, Michael (1992). The Natural Religion. In: **Sport and Religion**. Shirl J. Hoffman (org.). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books, p.35-42.
- Nudelman, Arthur E. (1971). Dimensions of Religiosity: A Factor-Analytic View of Protestants, Catholics, and Christian Scientists. **Review of Religious Research**, vol. 13, nº 1, p. 42-56.

- Peiser, Benny, (2000). Religion. In: **Encyclopedia of British Sport**. Richard W. Cox; Grant Jarvie e Wray Vamplew (org.). Oxford. ABC-CLIO, p. 321-323.
- Pivato, Stefano (1991). Soccer, religion, authority: notes on the early evolution of association football in Italy. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 8, n°3, p. 426-428.
- Powers, Richard G. (1992). Sports and American Culture. In: **Making America: The Society and Culture of the United States**. Luther S. Luedtke (org.). University of North Carolina Press: Chapel Hill, NC, p. 272-286.
- Price, Joseph L. (2004). **From season to season: Sports as American religion**. Georgia, USA: Mercer University Press.
- Real, Michael R. (1975). The Super Bowl: Mythic spectacle. **Journal of Communication**, vol. 25, n°1-3, p. 1-43.
- Russell, Gordon W. (1983). Psychological Issues in Sports Aggression. In: **Sports Violence**. Jeffrey H. Goldstein (org.). New York: Springer -Verlag, p.157-181.
- Sandvoss, Cornel (2003). **A Game of Two Halves: Football, Television and Globalization**. London: Routledge.
- Schroeder, Peter J. e Scribner, J. Paredes (2006). To Honor and Glorify God: the role of religion in one intercollegiate athletics culture. **Sport Education and Society**, vol. 11, n°1, p. 39-54.
- Serazio, Michael (2013). The Elementary Forms of Sports Fandom: A Durkheimian exploration of team myths, kinship, and totemic rituals. **Communication and Sport**, vol. 1, n°4, p. 303-325.
- Sipes, Richard G. (1973). War, Sports, and Aggression: An Empirical Test of Two Rival Theories. *American Anthropologist*, **New Series**, vol. 75, n°1, p. 64-86.
- Taylor, Martyn e Taylor, Rogan (1997). Something for the weekend, sir? Leisure, ecstasy and identity in football and contemporary religion. **Leisure Studies**, vol. 16, n°1, p. 37-49.
- Trothen, Tracy J., e Mercer, Calvin R. (2017). **Religion and Human Enhancement: Death, Values, and Morality**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing AG.
- Turner, Victor W. (1974). **Dramas, Fields and Metaphor**. Ithaca: Cornell University Press.
- Turner, Victor W. (1969). **The Ritual Process**. Chicago: Aldine de Gruyter.
- Wagg, Stephen (2011). **Myths and Milestones in the History of Sport**. UK: Palgrave Macmillan.
- Watson, Nick J. e Andrew Parker (2013). **Sports and Christianity: historical and contemporary perspectives**. London: Routledge
- Watson, Nick J. e Andrew Parker (2014). **Sport and the Christian Religion: A Systematic Review of literature**. London: Cambridge Scholars Publishing.

